A Colômbia Pode Ensinar o Afeganistão (e os Estados Unidos) A Ganhar

Robert Haddick

NO DIA 1º de dezembro de 2009, o Presidente Barack Obama revelou a nova estratégia para o Afeganistão.[1] Após enviar mais 30.000 soldados e fuzileiros navais à luta de 2010, o presidente tenciona começar a retirar as forças em julho de 2011, entregando a responsabilidade de segurança às forças afegãs. O plano de Obama requer que o exército afegão esteja pronto para assumir a responsabilidade em 18 meses. Ainda assim, apesar de anos de esforço, as forças de segurança daquele país devem dar duro para alcançar essa meta. Na recente batalha na província de Marja, as infantarias dos Estados Unidos e Grã-Bretanha foram forçadas a liderar o ataque contra o Talibã, sinal inquietante de que o exército afegão não está em condições. [2]

Os relatórios recentes do governo norte-americano chegaram à conclusões inquietantes. Por exemplo, 19 por cento dos soldados demitem-se ou desertam, por ano.[3] Ao exército falta liderança competente em todos os níveis, bem como a habilidade de rapida-

Contactar o Editor
http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm

mente formar líderes qualificados. Além disso, embora o governo americano já tenha gasto mais de *US $* 5.6 bilhões durante o ano fiscal de 2009 em treinamento e apoio às forças de segurança, o número de batalhões qualificados que operam independentemente, na verdade, declinou.[4] Apesar dos contratempos com o exército, os oficiais da OTAN querem acelerar a expansão, das 97.000 tropas atuais a 171.600 para o final de 2011 e 240.000, dentro de cinco anos.[5]

Dez anos atrás, a Colômbia encarava uma crise de segurança, de certa forma, pior do que a enfrentada agora pelo Afeganistão. Mas, durante a última década, conseguiu reduzir, de forma dramática, a proporção de homicídios e sequestros, arrasou a miríade de grupos insurgentes que lutavam contra o governo, desmobilizando os grupos para-militares que surgiram durante a falta de potência dos anos noventa, restaurando o estado de direito e a presença do governo em todo o país.

Durante a última década, com a assistência de equipe de assessores norteamericanos, a Colômbia reabilitou o exército. Contrário ao plano atual para o Afeganistão, a Colômbia enfocou-se em qualidade e não em quantidade. Seu exército e outras forças de segurança alcançaram sucesso impressionante contra uma insurgência que, de muitas formas, é similar à do Afeganistão. Enquanto isso, apesar do respaldo de quase 100.000 soldados da OTAN e muitos bilhões de dólares gastos em segurança, a situação no Afeganistão parece estar deteriorando.

As autoridades afegãs e norteamericanas que tentam formar um exército eficaz podem aprender com o sucesso da Colômbia. Este artigo explora as similaridades e diferenças entres as insurgências naqueles dois países, examina como a Colômbia reformou as forças de segurança e discute como aplicar esse sucesso ao Afeganistão.

Similaridades e Diferenças

As forças de contra-insurgência na Colômbia e Afeganistão encaram problemas similares. Primeiramente, o terreno acidentado em ambos os países proporciona esconderijo aos insurgentes e limita a mobilidade das forças terrestres. Em segundo lugar, tanto na Colômbia como no Afeganistão, os insurgentes aproveitam os santuários do outro lado da fronteira, financiando as operações com narcotráfico.

No pior dos casos, as duas forças insurgentes possuem pontos fortes similares. No auge de seu poderio (cerca de 2001), os grupos insurgentes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia *(FARC)* e do Exército de Libertação Nacional *(ELN)* tinham a possibilidade de colocar em campo um grupo combinado de 21.500 guerreiros, cerca de 1,9 homens para cada 1.000 homens de idade militar no país.[6] A estimativa mais elevada da força atual é de 17.000, ou seja, 2,3 guerreiros para cada 1.000 homens de idade militar no Afeganistão.[7]

De meados ao final dos anos noventa, o estado de direito na Colômbia era mínimo. Em 1995, um quarto das municipalidades não contava com polícia.[8] No final da década, a proporção anual de homicídios era de 62 por 100.000 habitantes – quase 10 vezes a dos Estados Unidos.[9] A polícia e o sistema jurídico eram completamente corruptos. As milícias para-militares surgiam, devido a ausência de autoridade estatal.[10] O Presidente da Colômbia de 1994 a 1998, Ernesto Samper, alcançou a presidência, trabalhando para os cartéis narcotraficantes.[11] Em 2009, devido a insurgência, 2.412 civis afegãos foram mortos – cerca de 8,5 em cada 100.000 habitantes.[12] Pode-se dizer que no final da década de noventa, a corrupção, violência e a ineficácia do governo eram piores do que no Afeganistão de hoje. No final dos anos noventa, quando a situação de segurança na Colômbia alcançou o auge, o governo colombiano perdeu, quase por completo, a habilidade de combater os insurgentes. Os destacamentos militares das *FARC* com muito gosto engajavam o exército colombiano, travando combate convencional aberto. Em agosto de 1996, uma das forças das *FARC* suplantou uma base do exército no distrito de Putumayo, matando e capturando mais de 100 soldados. Em março de 1998, os guerreiros das *FARC* aniquilaram o 52º Batalhão de combate à Guerrilhas, considerado então um dos destacamentos de elite do exército.[13]

Contactar o Editor
http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm

É óbvio que existem certas diferenças marcantes entre os dois países. A Colômbia é mais rica e pode pagar o soldo das forças de segurança. Fraturada como estava no final da década de noventa, ainda assim possuía histórico de governo central eficaz. Também contava com experiência em noção de estado de direito do mundo Ocidental, o que não é o caso no Afeganistão.

De forma tangível, embora o governo da Colômbia fosse ineficaz e corrupto no final da década de noventa, pelo menos possuía as estruturas de exército e polícia. Em 2002 a reconstrução do exército afegão principiou do zero.[14]

Finalmente, a natureza de assistência de segurança internacional para os dois países é distinta. A Colômbia possui um aliado: os Estados Unidos, que limitam sua assistência militar a não mais de 800 técnicos, que são proibidos de acompanhar as forças de segurança da Colômbia em operações de combate. Embora a missão de assistência de segurança dos EUA na Colômbia seja uma das maiores, desaparece em tamanho quando comparada à missão no Afeganistão. Naquele país, mais de quarenta países fornecem cerca de 14.000 soldados (em 2010) que executarão uma variedade de missões militares.[15] Mas, a maior diferença é que o exército colombiano enfoca-se em qualidade, o fator que melhor explica seu sucesso.

Como a Colômbia Restaurou o Exército

A reforma do exército colombiano iniciou durante a presidência de Andrés Pastrana (1998-2002), acelerando durante a gestão do Pres. Álvaro Uribe (2002-presente).[16] Três reformas cruciais converteram o exército colombiano de um bando ineficaz, que nunca saía das guarnições, à força agressiva que aleijou as *FARC* e a *ELN*.

A Nova Liderança

Em 1998, a pedido das autoridades norteamericanas, Pastrana substituiu os três mais altos líderes do exército com os novos generais (Fernando Tapias, Jorge Enrique Mora e Carlos Ospina) treinados em escolas militares norteamericanas e com vasta experiência em combate de batalhões e brigadas.[17] Esse novo trio, por sua vez, substituiu os comandantes subordinados que não eram agressivos em campo. Naquela época, o exército colombiano começou a colocar ênfase em seleção e treinamento de oficiais graduados (cabo-sargento), melhor qualificados para os destacamentos de combate.[18] Em seu livro, *A Question of Command*, Mark Moyar estuda uma série de campanhas contra-insurgência, asseverando que a qualidade da liderança e não planos de campanha ou táticas é a chave para o sucesso.[19] O desempenho da Colômbia contra os insurgentes apoia o argumento de Moyar.

A Reorganização

Iniciando com a administração de Pastrana e continuando com a de Uribe, a Colômbia reorganizou seu exército, transformando-o em componente móvel e altamente habilitado. Além disso, um componente de soldados convocados foi criado para a segurança local.[20] Sob a tutela de treinadores das forças especiais norteamericanas, o componente profissional do exército estabeleceu batalhões alpinos, aéreos, de tropas de choque, de combate ao narcotráfico e de forças especiais.[21] Esses destacamentos melhoraram a eficácia geral do exército, especializando-se em tarefas específicas. Talvez o importante foi que Uribe enfocou-se naquele grupo de soldados convocados para a defesa de vilarejos. Criou mais de 600 pelotões para a guarda-civil, cada qual composto de cerca de 40 soldados baseados em suas cidades, a fim de providenciar segurança básica e compilar dados secretos a respeito de atividade insurgente. Esses pelotões interditaram o movimento de destacamentos de insurgentes na zona rural e liberaram os profissionais do exército para que se dedicassem à operações ofensivas.[22] O exército colombiano também aumentou o orçamento para fomentar a logística e análise de dados secretos, atividades apoiadas pela equipe de assessores norteamericanos.[23]

Contactar o Editor
http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm

Helicópteros

Finalmente, o exército colombiano e a polícia expandiram a frota de helicópteros, de cerca de 20 em 1998 a 255 ao final de 2008. A fim de superar o terreno montanhoso e a mata, o exército necessitava de mobilidade aérea. Atualmente, com extenso apoio norte-americano, o exército colombiano opera a terceira maior frota de helicópteros de ataque *UH-60 Blackhawks* do mundo.[24] Tornou possível a doutrina ofensiva do exército, combatendo as áreas que apoiavam os insurgentes.

O resultado dessas e de outras reformas, foi que o exército colombiano infligiu severo dano às *FARC* e ao *ELN*. Uma pesquisa calculou que, entre 2002 e 2008, os ataques do exército reduziram a capacidade ofensiva das *FARC* em 70 por cento. Com a chegada de 2008 os destamentos militares das *FARC* que sobrepujavam os batalhões do exército em 1990, agora só possuíam esquadrões. Entre 2006 e 2008, mais de 3.000 guerrilheiros das *FARC* desertaram. Acredita-se que as forças restantes foram dispersas, estão desorganizadas e desassociadas da liderança superior, que encontra-se em exílio no Equador e Venezuela.[25]

As Lições da Colômbia para o Afeganistão

As autoridades encarregadas de organizar o exército afegão podem aprender três pontos com a Colômbia.

Qualidade é Melhor que Quantidade

As autoridades da OTAN e do Afeganistão buscam aumentar o tamanho do exército de 100.000 a quase um quarto de milhão.[26] Na Colômbia, pelo contrário, um exército profissional de somente 86.000 arrasou grande e persistente insurgência, em essência, pacificando um país quase o dobro do Afeganistão em tamanho e de terreno quase tão acidentado. Com a assistência de não mais de 800 treinadores norteamericanos (que não acompanham o exército colombiano em combate), a Colômbia enfocou-se em selecionar líderes de qualidade, treinando o corpo de graduados (cabos-sargentos) e desenvolvendo destacamentos especializados, e não de propósito geral, dentro do segmento profissional do exército. No Afeganistão o objetivo é o rápido aumento do número de soldados, não importa se a estrutura de liderança necessária existe para apoiar o incremento. O Gen Stanley McChrystal, o comandante supremo no Afeganistão, um soldado que passou a carreira em operações especiais, sem dúvida está completamente ciente das virtudes da qualidade – um fato que torna esse rápido aumento em número de soldados ainda mais curioso. A lição da Colômbia é que se deve congelar a expansão do exército nacional do Afeganistão; colocar ênfase em qualidade e desenvolvimento de liderança; e criar destacamentos especializados para as tarefas de segurança requeridas.

Guarda Civil

Um problema atual para o exército afegão (que não mais existe na Colômbia) é que muitos soldados não querem servir longe de seus vilarejos e distritos. Consequentemente, o exército nacional do Afeganistão sofre, devido a alta deserção e falta de frequência.[27] Como descrito acima, o Presidente Uribe criou pelotões para a guarda civil compostos de soldados convocados que servem em seus vilarejos e departamentos. Sem expandir o tamanho do exército nacional do Afeganistão o governo deveria permitir (e financiar) os governos de províncias e distritos a formar tais destacamentos para a defesa da localidade. A Província de Wardak está pondo em prova um programa similar, denominado Programa de Proteção Pública Afegã *[Afghan Public Protection Program]*.[28] Ademais, na Província de Nangarhar, as forças armadas norteamericanas providenciam assistência diretamente a grande tribo que se voltou contra o Talibã.[29] Os governos dos EUA e do Afeganistão devem fazer uso dos resultados desses experimentos para melhorar e expandir os destacamentos locais.

Contactar o Editor
http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm

Helicópteros

Como na Colômbia, o Afeganistão encara o problema de encontrar e atacar as forças dos insurgentes em massa, em terreno difícil. A Colômbia estabeleceu grande força de helicópteros para mobilizar seu exército altamente treinado e profissional e para evacuar as baixas do campo de batalha. Em vez de aumentar o número de soldados, a assistência militar norteamericana deveria dar ênfase a esse aspecto de apoio a combate.

A Campanha Norteamericana no Afeganistão – Ensinamentos

Os Estados Unidos devem utilizar a experiência da Colômbia nessa campanha. O que é muito mais importante, os treinadores militares norteamericanos devem concentrar-se em constantemente melhorar a qualidade e não o tamanho do exército nacional de 97.000 homens. Além disso, o treinamento do exército afegão, em si, deve promover o programa da guarda civil e não apoiar a contínua expansão do Exército Nacional. Finalmente, o programa de assistência de segurança dos EUA deve aumentar o número de helicópteros.

Os planos de campanha do Afeganistão e OTAN buscam a rápida expansão do exército, até mesmo quando não conta com líderes eficazes para administrar esse aumento, um sistema de logística para apoiá-lo ou os helicópteros para transportá-lo de forma eficaz através do terreno vasto e acidentado do país. Há uma década, encarando circunstâncias similares, os líderes colombianos, assessorados por pequena equipe norteamericana, implementaram uma solução diferente que os colocou na vanguarda e, com paciência, alcançaram grande sucesso. As autoridades norteamericanas e afegãs deveriam aprender com a Colômbia, à medida que tentam incorporar um exército eficaz. ❑

Notas

1. Barack Obama, "Remarks by the President in Address to the Nation on the Way Forward in Afghanistan and Pakistan," Office of the Press Secretary, The White House, 1 dezembro 2009, http://www.whitehouse.gov/the-press-office/remarks-president-address-nation-way-forward-afghanistan-and-pakistan (acessado 3 dezembro 2009).

2. C. J. Chivers, "Marines Do Heavy Lifting As Afghan Army Lags in Battle," *New York Times*, 20 fevereiro 2010, http://www.nytimes.com/2010/02/21/world/asia/21afghan.html?pagewanted=1&ref=world (acessado 2 março 2010).

3. Thom Shanker e Robert H. Cushman Jr., "Reviews Raise Doubt on Training of Afghan Forces," *New York Times*, 5 novembro 2009, http://www.nytimes.com/2009/11/06/world/asia/06training.html?pagewanted=1&_r=3&ref=world (acessado 30 janeiro 2010).

4. Kenneth Katzman, *Afghanistan: Post-Taliban Governance, Security, and U.S. Policy*, RL30588 (Washington, DC: Congressional Research Service, 30 dezembro 2009), 76, http://www.fas.org/sgp/crs/row/RL30588.pdf (acessado 4 março 2010); e Shanker e Cushman, "Reviews Raise Doubt."

5. Kathy Gannon, "Afghans Plan Dramatic Increase in Security Forces," Associated Press, 20 janeiro 2010, http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/01/20/AR2010012000393.html (acessado 30 janeiro 2010).

6. Peter DeShazo, Johanna Mendelson Forman e Phillip McLean, *Countering Threats to Security and Stability in a Failing State: Lessons from Colombia* (Washington, DC: Center for Strategic and International Studies, setembro 2009), 5–6, http://csis.org/files/publication/090918_DeShazo_CounteringThreats_Web.pdf (accessed 18 October 2009); and Central Intelligence Agency, "Colombia," in *The World Factbook*, 4 February 2010, https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/co.html (acessado 4 março 2010).

7. Katzman, *Afghanistan*, 44; e Central Intelligence Agency, "Afghanistan," in *The World Factbook*, 22 fevereiro 2010, https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html (acessado 4 março 2010).

8. DeShazo, Forman e McLean, *Countering Threats to Security*, 9.

9. Ibid.

10. Ibid.

11. Ibid., 8.

12. Keith B. Richburg e Joshua Partlow, "United Nations: In Deadliest Year for Afghan Civilians, Taliban Did Most Damage," *Washington Post*, 14 janeiro 2010, http://

Contactar o Editor
http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm

www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/01/13/AR2010011303378.html (acessado 30 janeiro 2010); e Central Intelligence Agency, "Afghanistan."

13. DeShazo, Forman e McLean, *Countering Threats to Security*, 8.
14. Katzman, *Afghanistan*, 46.
15. Ibid., 43–44.
16. DeShazo, Forman e McLean, *Countering Threats to Security*, 12–14.
17. Ibid., 14.
18. Ibid., 12.
19. Mark Moyar, *A Question of Command: Counterinsurgency from the Civil War to Iraq* (New Haven, CT: Yale University Press, 2009), 3.
20. DeShazo, Forman, and McLean, *Countering Threats to Security*, 12–14, 20–21.
21. Ibid.
22. Ibid., 20–21.
23. Ibid., 23.
24. Ibid., 24.
25. Ibid., 24–25.
26. Gannon, "Afghans Plan Dramatic Increase."
27. Katzman, *Afghanistan*, 41.
28. Ibid., 33.
29. Dexter Filkins, "Afghan Tribe, Vowing to Fight Taliban, to Get U.S. Aid in Return," *New York Times*, 27 janeiro 2010, http://www.nytimes.com/2010/01/28/world/asia/28tribe.html?pagewanted=1&ref=asia (acessado 30 janeiro 2010).

Ex-Fuzileiro Naval (Oficial), o autor é gerente-editor do *Small Wars Journal*, redige a Seção *"This Week at War"* para a *Foreign Policy* e contribui artigos referentes à diretrizes e defesa para *The American*, o periódico do *American Enterprise Institute*.

As opiniões expressas ou insinuadas nesta revista pertencem aos seus respectivos autores e não representam, necessariamente, as do Departamento de Defesa, da Força Aérea, da Universidade da Força Aérea ou de quaisquer outros órgãos ou departamentos do governo norte-americano.